

Con. Brasil

JOSÉ NÉUMANNE

21. OUT 1994

## A crise continua

ESTADO DE SÃO PAULO



**O Plano Real  
pode ser  
um primeiro  
passo,  
mas é longa a  
caminhada**

Este foi o ano da virada do "astral" do Brasil "dark" para o Brasil "light", com a vitória da seleção na Copa do Mundo dos Estados Unidos e a manutenção de baixos índices de inflação e de uma moeda forte, o real, ao longo de mais de 100 dias. O clima favoreceu a eleição aparentemente fácil e a votação massacrante obtida pelo candidato do governo Itamar Franco, o senador

Fernando Henrique Cardoso, afastando por mais quatro anos a ameaça do PT de Lula da Silva de transformar este grande Portugal numa enorme Cuba.

Acreditar, contudo, que a crise brasileira teve fim porque o "astral" melhorou equivale a achar que algum ser vivo está livre da ameaça permanente de extinção apenas por gozar de boa saúde. O Plano Real, sustentado por uma conjuntura externa favorável e apoiado num lastro de divisas inexistentes nos tempos do Cruzado, provou, por enquanto, apenas ser excelente para ganhar

eleições. Ainda falta muito para que o sonho do dinheiro forte no bolso do trabalhador brasileiro, uma moeda equivalente ao dólar americano, seja uma realidade perene, não uma fantasia de verão.

O advérbio quantitativo que qualifica o verbo da carência nacional na sentença acima se apóia numa estrutura institucional de antigos vícios e congelados hábitos e costumes a debilitar, de forma perma-

nente, o organismo da economia brasileira. Os sintomas são favoráveis, mas isso não quer dizer que as doenças tenham batido em retirada. O Plano Real deu inédito poder de compra ao salário do trabalhador, encheu o peito do cidadão de orgulho e as urnas de bicudos votos tucanos, mas não abalou os alicerces dessa estrutura. Pode ser considerado um primeiro passo, mas é longa a caminhada.

O primeiro aspecto a ser considerado é o do caixa do Estado brasileiro. Infelizmente, o processo de privatização aqui leva-

do a efeito é tímido e seria até inócua se, pelo menos, o êxito econômico da privatização da CSN não servisse de efeito-demonstração positivo. Peter Drucker e John Naisbitt lembraram muito bem — e suas palavras foram registradas pelo jornal esta semana — que as telecomunicações são o setor básico para o desenvolvimento econômico de qualquer sociedade no mundo contemporâneo. O Estado brasileiro não tem nenhuma condição de suprir a infra-estrutura de telecomunicações exigida para uma sociedade de tecnologia de ponta participar efetivamente do mundo competitivo da Terceira Revolução Industrial e do Novo Paradigma.

Somente uma privatização radical de setores como as telecomunicações, só para dar o exemplo mais evidente, poderá liberar os recursos necessários para tapar os enormes buracos em duas atividades sem as quais nenhum país sai da crise e que somente o Estado pode suprir dos recursos necessários: a saúde e a educação. Mesmo com o êxito do Plano Real e o conforto de um bom volume de divisas, a situação da saúde e da educação no Brasil é hoje insuportável. E se trata de uma pretensão injustificada crer

que a crise foi superada, se o Estado brasileiro está matando e não está educando o cidadão.

Outro aspecto importante é o político. Nas eleições gerais de 3 de outubro, o povo brasileiro deu uma demonstração de maturidade e competência. No entanto, isso não basta para resolver alguns males que debilitam o organismo institucional do País. A crise da representação não foi resolvida apenas com o rêmendo do aumento de dez cadeiras para a bancada paulista e só conhecerá uma solução adequada quando, efetivamente cada cidadão brasileiro tiver direito a um voto, em igualdade de condições com os outros.

Com 18 partidos representados no Congresso e sem uma maioria visível a olho nu, é impossível também acreditar que a crise da decisão política, provocada pela fragmentação partidária, tenha chegado ao fim. Não se trata de mera filigrana, mas de algo fundamental, pois, enquanto permanecer a crise política, não se resolverá a econômica.

Diante do exposto, tudo indica, a crise continua, sim.

■ José Nêumanne, jornalista e escritor, autor de Veneno na Veia